

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Domingo 15 de Setembro de 1861.

N. 21

ACAJÁ.

UM MOMENTO DE ENTHUSIASMO.

Por um dia do mez de Setembro de 1822: pela estrada que de Santos se dirige a S. Paulo, seguia uma tropilha de cavalleiros. Ião vestidos á moda do tempo e nada indicava que fossem pessoas de distincção, e, a não ser uma tal ou qual deferencia com que era tratado pelos companheiros, um dos cavalleiros, dir-se-hia que todos pertencião á mesma classe social.

Este cavalleiro, era um homem ainda moço, de bella presença e aspecto varonil. Bastos e annelados cabellos escuros, augmentavão ainda á nobreza do porte, e a viveza do olhar junta á elevação da fronte, denunciavão um character fogoso e vasta intelligencia.

Ao vê-lo e notando-lhe a conversação e ademanos, dir-se-hia um cavalleiro da idade media que depuzera um instante a armadura, para tomar por uma especie de disfarce carnavalesco, trages de uma epocha ainda occulta nas trevas do futuro.

Emfim, tudo n'esse homem, revelava uma mistura de qualidades e vicios, que fazião meditar a quem o conhecesse.

Entre os seus companheiros, distinguia-se um homem já de certa idade e que mostrava nas rugas da pensadora fronte e no profundo do olhar, a meditação constante sobre uma idéa fixa. Ao seu lado, seguião dous outros cavalleiros em cujas feições um observador mediocre

acharia alguns dos traços physionomicos do segundo personagem desta narração.

Seguião, como dissemos, pela estrada de Santos a S. Paulo e o assumpto de sua conversação erão as noticias que se esperavão do reino.

O primeiro personagem mostrava-se irresoluto sobre o que deveria fazer. O segundo combatia essa irresolução, propondo-lhe que se pozesse á testa do povo e proclamasse a independencia da colonia, e nisso era apoiado calorosamente pelo resto da caravana. A irresolução, porém, do chefe, ainda resistia, quando assomou ao longe um cavalleiro, que para elles se dirigia a todo o galope.

Toda a comitiva parou, esperando anciosa a chegada do mensageiro para saber quaes serião as noticias de que elle era portador, e desejando todos á uma, que fossem favoraveis á empreza que meditavão.

Chegou o mensageiro, e parando diante d'aquelle que parecia o chefe, entregou-lhe um maço de papeis, que este abriu apressado e diligente o percorreo com os olhos.

De repente, franziu os sob'olhos; os olhos tiverão um brilhar estranho e as faces se lhe tingirão do rubor da indignação ou da esperanza. Ergueo a cabeça e dirigindo-se aos seus companheiros, disse-lhes com voz tremula de emoção:

—Chegou o paquete que esperavamos e foi portador destes despachos do reino. As Côrtes mostrão-se-nos cada vez mais adversas e obrigarão El-rei a me ordenar que volte ao reino quanto antes. O que cumpre fazer ?

—Resistir a essas ordens oppressivas e tyrannicas, pôr-vos á testa do povo e proclamar a nossa independencia ! responderão todos.

Um momento hesitou ainda o chefe; mas tomando uma resolução rapida, como o caso exigia, arrancou o chapéo da cabeça, e ajeitando o braço, bradou :

INDEPENDENCIA OU MORTE !

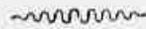
Foi assim que um momento de enthusiasmo nos dou a independencia e nos transformou de colonia oppressa, em imperio livre e independente, e nos deo no banquete da civilisação e do progresso, um lugar entre as nações do velho continente. Foi assim que um momento de enthusiasmo plantou em nossas plagas até então tão tristes, a virente arvore da liberdade, á cuja sombra frondosa, temos já vivido 39 annos ! Mas, ai ! Infelizmente não tem sido 39 annos de felicidades e de progressos, porque a loucura dos homens e a sua ambição, nos tem feito soffrer muitas vezes e tragar muitas affrontas. Por mais de uma vez a nossa integridade tem sido abalada e o nosso edificio social tem estado a ponto de se afundar no abysmo da anarchia e da desgraça. Pareço porém que Deus, em sua infinita misericordia, ainda não desviou sua face de nós e nos tem amparado e protegido nos momentos em que mais negras se amontoão as nuvens da desgraça.

A nós, brasileiros e mancebos, cabe tambem uma parte na tarefa do engrandecimento do nosso paiz. Sobre nossos hombros tambem pesa o encargo de sustentar a columna que no Ypiranga um só brado fez surgir do seio do nada, como outr'ora o *Fiat* divino, fez apparecer o mundo. Trabalhemos pois, valentes, para completar a obra que nossos maiores nos legarão e unidos e cheios de fé, trilhemos com passo firme, a senda que ante nós se abre.

E' difficil e ardua, mas leva-nos a esperanza ! E' escabrosa e ingrême, mas nos conduz ao porvir, á grandeza, á gloria. ! Avante, pois, mancebos ! A' obra do engrandecimento de nossa patria, e lembrai-vos que lá do lugar em que ora estão, os olhares de Pedro I, dos An-

dradas, e de Silva Xavier, não abandonão, nem abandonarão a terra do Cruzeiro que tanto amáráo e a quem tanto bem fizerão !

7 de Setembro de 1861.



O QUE HEI DE ESCREVER ?

Ora ahí está uma pergunta, que sempre que me dá vontade de pegar na penna, faço a mim mesmo. E na verdade ha nada mais massante do que estar-se vendo diante de si uma bella folha de papel, ter-se na oreilha uma boa e virgem penna, e por mais que se volva e revolva nos escaninhos da imaginação, não achar sequer um assumpto, por mais insignificante que seja, para sobre elle discorrer ? Oh ! é horrivel !

E todavia dizem que o querer é poder ! Nem sempre, e a prova está mesmo no que agora me succede : quero escrever, dizer alguma coisa e a *Muza* de meus peccados, a fugir-me como uma verdadeira *coquette* que ella é ! Se eu escrevesse um romance, bem bonito, cheio de moças morenas de cabellos louros (deixem passar que estão em moda estes modellos) ou louros com cabellos azues, digo pretos azulados como aza de corvo, com uma chusma de moços pallidos, de fronte altiva, e brilhante de intelligencia, enfim, uns verdadeiros Antinous de botinas Meliés e lavas Jouvin ? Santo Breve da Marca ! Nem pensar nisso é bom ! Podia eu no meio de tanta gente perder a tramontana e depois não achar uma Ariadne compassiva que me dêsse, não um fio, nem uma mão, mas um pé para me safar do labyrintho em que me tivesse mettido ! Nada, não serve ; é melhor e muito mais commodo escrever uma *página intima*... que todos lessem, uma *folha solta* amarrada a uns versos de pés quebrados, terminados por uma trivialidade bem inteira, ou então contar uma historia que succedea a um meo amigo que é muito amigo de outro amigo a quem uma moça muito amiga de rapazes amigos da litteratura inspirou o mais profundo, ardente, puro, casto e desinteressado amor, o que lhe pagou com a mais crua, negra, feia, horrenda, medonha ingratidão, depois de lhe ter feito um milhão e trescentas trinta e trez juras de amor eterno... até acabar ! Rechear essa *obra prima* de pontos de admiración, de reticencias, de *ahs ! ehs ! ihs ! ohs ! uhs ?* Faltar quinientas vezes em amor, duzentas e cincoenta em morte, cento e vinte e cinco em fidelidade a todo o transe

e uma vez ou duas em juizo e senso commum ! Isso sim ! Isso pode se escrever e contar de antemão que as lagrimas hão de saltar dos olhos aos leitores, e saltar com tanta força que em vez de correr pelas faces abaixo, hão de esguichar pela testa acima, convertendo-lhes os olhos em esguichos de repuxo !

E então quando sobrepoja a isso tudo um título de arromba, um desses títulos que atrahem a atenção como essas taboletas vistosas que dão logo na vista... aos que não são cegos... Isso então não fallemos ! O autor que sabe achar um bom título, pode dizer que a sua fortuna está feita ! Como escriptor, e contar que seu nome passará á posteridade coberto das benções de seus leitores agradecidos e lacrimosos !

Ainda se eu pudesse sonhar... isto é, entendamo-nos : por sonhar quero eu dizer, escrever um sonho, uma dessas phantasias como por ali ha tantas, ou antes e mais portuguezmente falando, pregar aos leitores uma reverendissima pèta, com fumos de verdade, em que visse coisas horribeis e pasmosas, que lizessem ericar os cabellos a quem as lesse !... Como disse, se eu pudesse sonhar acordado com a penna na mão ; a narrar o que não me aconteceo, talvez ainda um dia eu pudesse... pudesse..., o que ? ora o que ?.. Talvez ainda um dia pudesse ser apontado como... um grande fabricante de sonhos ! E aqui para nós que ninguem nos ouve, não seria pequeno motivo para o meu muito humilde criado, o meu amor proprio, se mostrar satisfeito e contente e titillar-me agradavelmente os ouvidos, dizendo-me : assim, meu rapaz ! Continúa, que ainda has de ser contemplado no rol.. dos rabiscadores de papel *brevetés sans garantie du gouvernement* !

Oh ! se o conseguisse, digo-te francamente, minha penna, que dava-te a recompensa que teos mais que relevantes serviços ha muito deverião ter recebido !

Dava-te o descanso dos justos e deixava-te dormir no finteiro, donde tiras o succo negro com que dás aos meus pensamentos uma traducção palpavel e visivel, e iria eu proprio descansar das Titaneas fadigas de ter aturado durante tanto tempo, os rasgões que me fazias no papel ! Mas como não aprouve a quem manda mais do que eu, dar-me o gosto que tanto almejo de me ver apregoado pelos meus trombetas da fama e ver meu nome

Em versos divulgado numerosos

vejo-me na dura necessidade de te fazer correr por hoje mais algum tempo.

Mas o que eu estou vendo é que sem querer estou escrevendo alguma coisa que cheira a critica, que é uma senhora muito respeitavel, se bem que não seja lá muito respeitadora dos outros.

Apezar porém, de tudo, eu sou muito medroso. Ah ! *lá larguei eu o meo lobo* ! aqui não há remedio, sim confesso-o ainda que me custe, sou muito medroso e temo-me horriavelmente do criticamento. A critica ! Esse bichinho que como a calumnia do preclaro D. Basilio de Figueira memoria, morde com tanta delicadeza que ás vezes chega a tirar sangue ! Só de fallar nella se me arrepião os cabellos ! Até tirou-me toda a vontade de escrever. Está-se-me a lingua a pegar na boca, e se me não engano, está-me parecendo que cheira a chamusco ! Nada, nada não quero negocios com a critica, e por isso aacreditai-me, tinha muito ainda que vos dizer, mas só pelo temor que tenho, de que tomem o que ali vai como desejos de criticar a alguém, callo-me, declarando que tudo isto foi só e unicamente a consequencia da pergunta que lestes no frontespicio deste acervo de palavras. Ah ! maldita pergunta ! Em que alhada me ias mettendo ! Nunca mais faço perguntas desta natureza. D'ora em diante, quando me der na cabeça escrever, hei de perguntar primeiro ao meo papagaio, o que devo dizer. E' um animal de muito bom conselho, o meo papagaio, e se eu escutasse ás vezes o que elle me diz ter-me-hia livrado de alguns embaraços bem *embaraçosos*, como seja o de escrever o que sinto, sem me lembrar que pode-me custar a gloria porque suspiro. Isto dito só me resta pedir desculpa das seusaborias que por ali vão protestando mais uma vez, não perguntar : o que heide escrever ?

M.

17 de Junho de 1861.



A INFANCIA.

(Pagina dos meos quinze annos.)

Semelhante á flor que no seo hastil se levanta orgulhosa, nas tardes amenas do mez de Maio, assim a infancia se mostra risonha, embalada pelas meigas expressões dos risos das mães carinhosas.

A infancia é a primavera do homem, é o botão da flor que se desfolha, muitas vezes ao sopro empeçonhado do inverno das sociedades, como a rosa açoutada as suas petalas pelos ventos rijos das manhãs do estio.

A infancia, é a estação dos risos, já o disse não sei que autor ; é a quadra do nosso existir o mais venturoso, porque é a quadra da innocencia.

Não é bello um jardim onde se vê, por entre as verdes folhas das boninas, a candida açucena,

o mimoso e alvo jasmim, o lyrio cõr de neve, osculados, por lindas borboletas de azas de madreperolas ?

Como não será linda a infancia que é semelhante a esse jardim, onde as boninas são as esperanças queridas; os lyrios, jasmims e acucenas, a candura e a innocencia ?

Salve pois estação mais grata do existir do homem ! Salve, jardim abençoado por Deos, cujas flores são regadas pelos anjos !

A infancia é alegre, não pensa, só encontra em todos os objectos da natureza, um ponto para firmar seus folguedos e jogos divertidos, que é o consolo da velhice, no tombar das folhas de sua flor que já foi bella.

A infancia é o berço da existencia, assim como a velhice é a sua campá.

Ella marcha, cresce, prosegue no seo caminho; deixando o manto da innocencia e envolvendo-se na capa enregelada da velhice, até que torna ao ponto onde principiou sua pergrinação. A senda do nosso existir é semelhante a um circulo, em que depois de muito caminhar, esbarramos com o ponto de partida.

E a velhice não será semelhante á infancia ?

Os desejos da velhice não serão iguaes aos da infancia ? O fundo é o mesmo, porém as formas diversas.

J. BARBOSA RODRIGUES.

1855.



M

(Folha solta.)

Dá o riso feliz em vez da magoa,
O lyrio morto quer a gotta d'agua,
Eu quero o teu amor !

(CASIMIRO DE ABREU.)

Nas horas tristes e sombrias da noite, quando o alado mocho, recortando os ares, solta de quando em quando seus agoureiros pios; eu, entranhado na bastidão dos virentes bosques d'esta nossa terra gentil; ouvindo o brando murmúrio do arroio que a mãos pés se escôa; o suave eiciar das folhagens dos frondiferos arvoredos que me occultão; o sôm longinquo da cachoeira que tomba, esqueço-me do mundo, de mim, de tudo, para sómente pensar em ti !

E se penso em ti, se meus olhos só procurão ver-te, se meo coração se arroufa quando ouço o melifluo e divinizado sôm de tua voz, é porque não és uma creatura humana, não ! é porque és uma criação celeste, a vida de minha vida, o

alento de minh'alma e o unico ente aquem adóro !

Sem ti, eu seria a flôr do deserto exposta aos adustos raios do sôl, que apenas entreabrindo seo humido calix ao insuflar orvalhoso do fayonio matutino, logo é forçada a pender-se menciencia em seo hastil !

Sem ti, eu seria o viajor erradio em longas e alcantiladas serranias, que pouco a pouco lhe escasseão as forças, e cheio de fome e de fadigas cabe exausto por terra !

Sem ti, eu seria a pobre avesinha, que no seo voltear nos ares, foi levada pelo vento para longe de terra, e amedrontada e cheia de cansaço, cabe sobre as ondas que prestes a envolvem em seus ruidosos escarcãos !

Sem ti, eu seria o reprobado, no fundo da masmorra, sem luz, sem consolação, e sem esperanças !

Sem ti, eu seria hoje um martyr, e amanhã... um cadaver !

SILVIO RANGEL.



POESIAS.

QUE MUNDO!

Apportez moi donc du vin,
servez le banquet, l'homme
ne fut pas créé pour vivre
seul.

LORD. BYRON. Trad. P. Laroche.

Quem prazeres encontra na vida,
N'esse vago scismar de illusões ?
Quem encantos encontra na terra
Onde tudo só tem afflicções ?

No delirio das turbas se esquecem
Os momentos de vivo penar ;
Só se encontra socego nas salas
Onde vê-se as orgias queimar....

Nos alcouces allivio encontramos,
Nos bordeis nós achamos prazer ;
Ante a bulha das taças se encontra
Lenitivo ao amargo soffrer.

Se quizermos soffrer de continuo,
E' pensarmos na morte cruel ;
Não se pode, é preciso esquecer-se
Nos deleites que tem o bordel.

Reclinado nos collos impuros,
Permutando a moeda por beijos,
Nossa vida se escôa ligeira
Não se tendo mais outros desejos.

Com o fogo nas testas ardendo,
Com os labios tingidos de vinho,
Adormecem os homens co'as dores
Nos vendidos regaços de linho.

Se no peito a amargura penetra,
Só cognac nos faz olvidar,
E comprados cainhos, mentidos,
Tambem fazem a dor minorar.

Vida triste a do orphão na terra !
Nem se quer pode ter um amor...
Elle só... pelos homens banido,
Só encontra desprezos e dôr.

Se a pobreza o persegue, coitado !
Libertino se faz sem querer ;
Nos alcouces do vicio se esconde
Para as dores crucis esquecer.

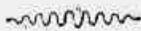
Não se lembra, que o mundo não sabe
Soffrimentos de um triste calar,
Que divulga o opprobrio, assim como
Nossa gloria tem dô de nos dar.

Nasce o homem, e se acaso elle é pobre
Para males sómente sentir ;
Saciando os horrores da fome
N'uma taça de vinho a cuspir.

Que futuro e que vida tão triste,
É que valle de dores profundo !...
Amarguras o homem supporta
Resignado vivendo!! Que mundo !!...

J. BARBOSA RODRIGUES.

S. Gonçalo da Campanha, 14 de Maio de 1860.



SETE DE SETEMBRO

A F. A. PROENÇA.

O' sol de minha patria !
O' rochedos ! O' agoas sonoras
Do famoso Amazonas,
O' netos dos Vieiras !
Netos de Henriques, Camarões, Negreiros !
A patria é uma só ! Ah ! viva a patria.
E a Liberdade viva !

D. J. GONÇALVES DE MAGALHAES.

No nosso solo não ha de
A escravidão habitar ;
Não, enquanto a mocidade
Brasileira respirar.

E. F. VEIGA.

Abrão-se as portas dos sagrados templos
E nos altares os sacerdotes puros,
Entre mil galas, fervorosas preces
Aos céos elevem !

Em todo o espaço que Brazil se chama,
Em todo esse territorio immenso,
Vivas unisonos, exclamações de gloria
Só se desprendão !

O céo se mostre presenteiro e lindo !
Nem uma nuv' o horizonte tolde !
O sol derrame pelo lar brasilio
A luz mais pura !

Nas rudes chóças, nos palacios nobres,
Nas ruas, praças, nos soberbos montes,
O auri-verde pavilhão tremule
Festivo e bello !

Do throno desça a autoridade regia,
Aos templos venha do poder despido,
Ligar seos votos á oração do povo
P'la nossa patria !

Do throno desça ! Venha unir-se ao povo
Que extasiado por tão aurea dita,
Esquece os males que o paiz corrôe,
Que o aniquilla !

Que olvida tudo pr'a saudar a aurora
Surgindo ufana, dispersando as trevas,
Que até a vespera obumbrava os raios
Do rei dos astros !

Oh! quanto é doce contemplar-se a data,
A mais exalta que o Brazil possui!
Que dia pode equiparar-se áquelle?
Qual tem mais dia? (*)

Só elle é grande, magestoso e nobre!
Só elle infunde adoração, respeito!
Foi n'elle solto o gigantesco brado:
INDEPENDENCIA!

E esse brado, percorrendo o espaço
Da terra ás nuvens resoando altivo,
Plantou soberbo o divinal arbusto:
A LIBERDADE!

Na culta Europa que risonha vira,
O empenho santo de um moderno povo;
O grito heroico retumbou potente
Faustoso, grato!

A's demais partes cardeaes do globo,
Chegou a nova do gigante feito;
E os habitantes de prazer repletos,
Nos derão flores!

Na grande carta dos estados livres,
Gravou-se o bello americano imperio!
Os forcos laços que o fazia escravo
Estavão rotos!

Firmes as bases do nascente imperio,
Reconhecidos os direitos nossos,
Oh! que futuro tão risonho e bello,
Se divisava?

Mas ah! que em breve o despotismo fero,
As fraticidas sanguinarias lutas;
O firmamento do recente estado,
Manchar vierão!

E longos annos conservamos tristes
Só lastimando as dissensões internas;
No Sul, no Norte, se mesclava a terra
De sangue irmão!

Mas essas scenas terminadas forão....
O eço da patria se tornou doirado!
Apoz as luctas sobreveio a calma ...
Bemdicta seja!

E hoje alegre prosigamos todos!
A' patria demos o que lho é devido!
Amor, esforços, dedicação e gloria,
Ella reclama!

A senda é nobre, magestosa e santa!
Só pela patria trabalhar devemos!
Nada nos falta p'ra tão justa empreza....
Nós somos livres!

F. T. LEITÃO.

1861.

RENDEZ-VOUS.

Duas horas de amor loh! como é bello!
Disse eu a vestir-me apressurado;
N'uma noite de maio (eu me recordo),
Em delirios entregue — , apaixonado!

A razão era forte. Recebera
Nessa tarde, a cartinha de uma bella,
Promettendo-me entrada no seo quarto
A's dez horas da noite, p'la janella.

Vesti-me como disse. Encaminhei-me
Para a casa da cuja, em doce enleio;
Sem comtudo saber que tal seria,
Sem ao menos saber-lhe a côr do seio...

Cheguei e fui postar-me lá n'um canto,
Entre as folhas de agreste bananeira;
E em quanto assim jazia eu me entretinha
Gozando a minha dita tão fagueira.

Tinha o corpo tremente, as pernas *bambas*
Suor frio meo corpo transpirava;
Só pensando no anjo pudibundo
Que dizia — sem mais — que me adorava

Dão dez horas, serão? Oh! que tormentos!
Eu não ouço inda abrir a tal janella;
A janella adorada, que um momento
Me fará conhecer a minha bella.

Eis enfim que se abriu, — ella me chama;
O meo nome repete a dita cuja;
Corro já, corro já, não me demoro...
Mas que vejo meo Deus... oh! que coruja!!!

A. AZAMBUJA.

Agosto — 1861.

(*) Do Sr. Dr. Laurindo José da Silva Rabello.

CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação).

Voltemos aos nossos manebos. O amigo de infancia de Pedro, não era mais do que o desconhecido, que havia levado Pedro para sua morada, que era esse ameno retiro.

Escentemol-os.

— Porém tu bem sabes, Pedro, que se não fôra eu, tu hoje serias victima dessa mulher.

— Mas... eu a amo tanto!

— Esquece esse amor, essa mulher te arrasta á ruína. Lembra-te, que por causa d'ella, n'aquelle noite em que te obriguei a seguir-me, um homem esperava beber o teu sangue, que se a seguisse, hoje não estarias a meo lado, mas sim n'um tumulto!

— Alberto, eu te sou grato; mas deixa-me ao menos escrever áquelle que me prende com sua belleza... Deixa-me tirar de seo coração, as dores que talvez ella sinta, julgando-me victima de algum trama.

— Pois bem, Pedro, escreve, da-lhe noticias tuas, mas faze por esquecer essa mulher. Aqui, na solidão, nesta habitação onde só reina o socego, faze por recuperar tua antiga robustez, tua saude e felicidade.

— Não posso! Disse tristemente Pedro. Esquece-la! Jámais!

— Pedro, teu coração te atraiçoa, foge dessa mulher e serás feliz.

— Não, ella prometteo-me deixar o mundo, sujeitar-se ás minhas posses e viver comigo longe da sociedade. Ella me ama, Alberto, e se tu quizessees proteger o nosso amor, darias tua habitação para morada delle?

— Tenho dó de ti, porque vejo que não poderás desprezar a mulher que te perde. Porém, para que não digas que sou máo, cedo-te a casa.

Pedro lança-se nos braços de Alberto, e abraçando-o com fervor só exclama:

— Obrigado! Obrigado!

— Vai amanhã vêr essa mulher, vê se ella te ama ainda, porém não creias muito nas suas palavras; vê se ella quer seguir-te e se o quizer, depois de amanhã poderás já vir para aqui.

— Porém tu virás visitarnos, não é assim?

— Virei.

Pedro se levantou, deo o braço a seo amigo e seguiu para casa, pois a noite já se avizinhava.

No dia seguinte, Pedro foi vêr Claudina e achou-a recostada no seo divan, pallida, abatida vestida com desleixo e presa de um somno agitado.

Ao vel-a assim dormindo, Pedro ajoelha-se sobre o tapete, toma uma de suas mãos que es-

tavão ardentes, cobre-a de beijos, e de lagrimas.

Assim se conservou por alguns minutos, enquanto Claudina dormia.

De repente ella dá um grito levanta-se, abre os olhos, e vê a seos pés, Pedro.

Sem dizer uma palavra, cabe em seos braços, sem sentidos. Este esforça-se para reanimar-a, deita-a sobre o divan e correndo ao seo toucador, traz um vidro d'agua da Colonia, e o dá a cheirar.

Pouco a pouco, foi ella recobrando os sentidos e passando as mãos pela cabeça de Pedro, parecia examinar se não era visão, aquelle encontro.

— Pedro!... Exclamou Claudina com um ar de reconhecimento, porém triste.

— Claudina! respondeo Pedro, alegremente.

— Pensei que me tivesses esquecido, ou que estivessees morto. Se soubesses os transeas, as dores e os soffrimentos que tenho tido! As saudades que me teem perseguido, por certo não serias tão cruel em demorar-te tanto tempo longe de mim!

— Tens soffrido Claudina?

— Tanto, Pedro, que adoeci.

— Ah! Pobre Claudina!...

— Escuta. Depois que aquella desconhecido te roubou de meo lado, nunca mais tive socego. No fundo de meo quarto passava as horas do dia, invisivel a todos. Aquellas pessoas que me visitavão, todas se retiravão ante o — não se pode mais entrar — de minha criada. Vivi só, porém com a tua lembrança no coração e o soffrimento n'alma.

— Então, ainda me amas, Claudina?

— Mais do que nunca.

— Obrigado, mil vezes obrigado, minha pallida flor de meo futuro! disse Pedro orgulhosamente.

— Escenta-me agora, Claudina; lembras-te do proposito em que estavas, do plano que formamos n'aquelle noite que seguiu a do concerto e que foste a minha casa?

— Lembro-me.

— Lembras-te das juras que me fizeste?

— Lembro-me.

— E estás prompta, a fazer hoje o que á quinze dias prometteste?

— Estou.

— Então ouve-me. Aquelle desconhecido não era mais do que um meo amigo de infancia, que voltando da Europa, sabendo dos meos amores, descobrio um trama que se urdia contra mim; e, prezando elle a minha vida, n'aquelle noite salvou-me, porque n'essa mesma noite eu devêra acabar nas mãos de um assassino.

— Impossivel! E quem era esse assassino? Perguntou atemorizada, Claudina.

— Um teu amante!...

Claudina escondeo o rosto em um lenço e chorou.

— Não chores, e continúa a ouvir-me. Disse Pedro affagando-a. Esse meo amigo está prompto a proteger-nos, elle cede-me sua casa, podemos n'ella passar uma vida feliz, entre a natureza e a sociedade de alguns meos amigos. Queres Claudina, deixar o mundo para viver comigo?

— O amor que hoje a ti me prende, obriga a sujeitar-me ás tuas vontades.

— Promettes-me ser fiel?

— Prometto.

Pedro como um louco, abraçava e beijava Claudina.

— Quando queres partir?

— Quando quizeres.

— Hoje?

— Não o posso.

— Porque? Acaso ainda queres...

— Suspende, Pedro, atalhou Claudina, não lancees mais em rosto minha vergonha, abandono o mundo, mas quero que não continues a recordar o passado.

— Perdoa-me, querida.

— Se não posso ir hoje, é porque quero fazer leilão de meos trastes, das joias, que não preciso e do meo coupé.

— Não, Claudina, partirás hoje, sem ser preciso vender teos objectos. Não quero te privar de teu carro, de teos cavallo, nem que perras algum dia dizer, que fui eu o causador do abandono de teos moveis. Partirás, tudo quanto é teu aqui ficará, para algum dia quando quizeres vir á cidade achar todo o necessario; não é assim, minha querida?

— Faze o que entenderes, hoje obedeço-te como se fôra tua escrava.

— Então, aprompta tua casa, porque esta tarde partiremos.

Por seo amante, tudo sacrificava Claudina; assim mesmo doente, presa de uma febre ardente, deixava sua casa por aquelle que tanto a amava.

Gautier, tambem ama Daval, porem não sacrificou tanto como Claudina, porque não era tão devassa.

Erão tres horas da tarde quando em um carro da praça seguia Claudina, para a estação da estrada de ferro, envolvida n'uma longa capa de cachemira.

Ahi se achava Pedro, radiante de alegria, quando ella chegou; porem vendo a pallidez que em seo rosto trazia perguntou-lhe:

— Porque estás tão pallida? Tu soffres? Que sentes?

— Nada, Pedro, o ar do campo varrerá esta pallidez de meo rosto. As venturas que nos esperão me trarão novamente a saude.

Minutos depois o trem partia, levando Pedro n'um carro da primeira classe ao lado de Claudina, a qual á medida que se affastava da cidade, um ar mais alegre apresentava no rosto.

Chegados á estação do Campinho, apeiarão-se. Um carro puxado por duas juntas de bois, por ordem de Pedro, os esperava. D'ahi seguirão para o retiro onde já vimos o nosso heroe tomando café com seo amigo.

Ao entrar no campo da chacara, Claudina disse alegremente:

— Que bella paizagem! Quão feliz não sere-mos n'esta habitação!

— Muito, muito felizes sere-mos.

Pedro conduzia pela mão Claudina, que se divertia em fazer girar em seos dedos uma flor que apanhara na cerca do campo.

A casa estava aberta e um criado francez veio receber as ordens de seos novos amos.

— Reybaud, disse Pedro ao criado, já deverás saber que estás ao nosso serviço, não?

— Si, senhor, Monsieur Albert já me disse.

— Já veio a criada?

— Non, mais criada non tarde.

— Sabes tratar de animaes?

— Si, si, eu foi, soldade de cavallarie de cuirassier á Paris.

— Então tratarás dos cavallo do nosso coupé que logo chegão.

— Avec plaisir.

A noite já começava a involucrer nas pregas negras de seo manto, a habitação formosa dos dois amantes, quando chegou a criada.

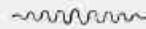
Entregue a seos cuidados, Claudina foi se despir para seo aposento, enquanto Pedro, libertinamente assentado n'um sofá, fumava um charuto cantarelando um motivo das canções de Parny.

A noite finalmente, envolveu tudo na escuridão, e veio coroar os desejos do amoroso Pedro.

Passemos ligeiramente sobre as agradaveis serenas que ali tiveram logar, sobre os bellos passeios que formarão os dous, sobre a ventura de Pedro e vamos assistir a um jantar dado por elle a seos amigos.

Debaixo da frondosa caneleira, sobre uma comprida mesa, se vião varias iguarias e vinhos de todas as qualidades. Assentados em torno da mesa estavam varios amigos de Pedro, libertinos como elle, e na cabeceira Claudina, rosada, mais gorda e com tres de perfeita saude.

(Continúa.)



As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^a, rua do Cano n. 163